

## Pictures of You

Alguns acontecimentos e cenas de Hayley e Lindsey. Fotos que a fotógrafa nunca teve a chance de tirar. Músicas que talvez nunca sejam escritas. Alguns momentos vividos apenas uma vez.

---

### 1

Subir as escadas entre beijos e afagos foi um verdadeiro desafio, eu mal conseguia manter os olhos abertos, toda vez que nossos lábios se encostavam minhas pernas pareciam querer ceder, eu sentia meu corpo esquentando e formigando por todo lado. Quando Hayley e eu chegamos ao seu quarto, somos uma sinfonia de suspiros e gemidos. A camiseta dela ficou pelo caminho, assim como meus sapatos. Antes de me empurrar na cama, Hayley tirou minha blusa, suas mãos trêmulas e desajeitadas, eu a ajudei como pude enquanto minhas próprias mãos queriam permanecer grudadas na cintura dela.

Estávamos indo em um caminho sem volta, eu sabia. Eu não conseguia me parar, não podia conter meus impulsos, vontades reprimidas por tanto tempo. As possíveis consequências não passavam pela minha cabeça agora, não ainda, enquanto parte de mim esperava que eu fosse acordar, atordoada e suando no meu quarto, como aconteceu muitas vezes antes de hoje.

Rolei por cima dela na cama, tomando controle, atacando seu pescoço, e encaixando minha perna entre as dela, Hayley intuitivamente prendeu minha panturrilha com seus pés, e com um movimento desesperado puxou minha perna contra seu corpo, senti o calor que emanava entre suas pernas, por um momento meu juízo pareceu voltar a mim e entendi que precisava de uma confirmação do que estava prestes a acontecer ali.

“Você quer fazer isso mesmo?” Interrompi o que fazia, minha voz saiu rouca. Ela manteve a mão na minha nuca e seu olhar pareceu escanear todo meu rosto antes de responder.

“Há algum tempo, eu acho.” - Ela continuou com cautela. - “Mas, eu entendo se, sei lá, porra, meu Deus.” - Ela me soltou e seu corpo relaxou na cama.

“Talvez esteja um pouco rápido demais.” Eu continuei, meu tom era apreensivo, a determinação de antes reduzindo-se.

“Talvez...” Ela deu um sorriso torto.

Eu sai da posição em que estava, me joguei ao seu lado na cama e respirei fundo.

“Putá merda.”

“Sim.”

Ouvimos Alf latindo do andar de baixo.

“Acho que ele quer sair.” Hayley se levantou em um pulo e sumiu.

Aproveitei o momento para controlar minha respiração, ainda completamente descompassada. Passei as mãos nos cabelos, uma ansiedade súbita me dominando. O que diabos eu estava pensando? Ela acabou de se separar, é claro que está se sentindo sozinha, eu sabia disso. De repente me senti suja, como se estivesse me aproveitando do momento que minha amiga passava para satisfazer minhas vontades egoístas. Por um momento eu só queria sair dali. O medo de que nossa amizade estivesse permanentemente afetada, ou pior, que nossos sentimentos uma pela outra estivessem comprometidos.

Ela reentrou no quarto, vestindo a camiseta de antes, o cabelo bagunçado graciosamente, e com uma garrafa de água. Sentou-se na beira da cama e me fitou longamente, seu rosto ainda um pouco corado e percebi que suas mãos estavam tremendo quando ela levou a garrafa a boca.

“Lindsey...” Ela começou. “Olha, eu preciso ser sincera com você. Nos últimos meses, anos talvez, eu fiz muita cagada. Muita. Eu ainda estou tentando resolver algumas delas.

“Eu sei.” Me sentei. A ansiedade aumentou, meu coração palpitava, e não era mais por causa da adrenalina de cinco minutos antes.

“Manter sua amizade com certeza não foi uma das minhas burradas, na verdade, você tem sido extremamente importante para mim, eu acho que sem você eu talvez nem estivesse mais aqui.” Seu tom era sincero e carinhoso. Como toda vez que ela fala sobre os amigos. É ao mesmo tempo uma honra e uma responsabilidade saber de tudo isso. Eu me pegava tentando viver dentro desta expectativa, não criada por ela, mas por mim mesma.

“Eu sei que não foi fácil lidar comigo, nem um pouco.” Ela soltou uma risada desanimada e seu olhar já não focava mais em mim, ela olhava para baixo, brincando com a tampa da garrafa. “Talvez eu esteja confundido as coisas, enfim, isso foi a melhor coisa que rolou, sei lá, desde o começo do ano.” Ela ergueu o olhar de volta para o meu.

“Sério?”

“Sim. Mas eu não quero estragar tudo que a gente já tem.”

Ela parecia ter lido meus pensamentos, eu não tive uma resposta pronta para lhe fornecer, não imediatamente. Enquanto eu passei tanto tempo tentando entender o que eu sentia, elaborar mil discursos, de todas as formas que eu poderia ter expressado meus sentimentos por ela, foi em um momento de pura emoção que

eu perdi meu prezado autocontrole, e contrariando todas as minhas expectativas; ela me correspondeu. Eu ainda tinha muitas dúvidas e inseguranças. Contudo, a apreensão da espera por este momento se foi, por Deus, eu não estava ansiosa, estava animada.

“Fala alguma coisa, por favor.” Ela se aproximou, entrelaçando uma de suas mãos na minha, apertando forte.

Encarei nossas mãos juntas por um tempo. A tatuagem nos seus dedos sempre me dava calafrios, era um gatilho de tudo que a vi enfrentar, uma marca permanente da sua infelicidade. Nunca compreendi o motivo dela manter este símbolo, até agora...

“Eu quero ressignificar isso.” Eu apertei sua mão mais forte e sorri.

---

## 2

Camarins tem um cheiro peculiar, e ao mesmo tempo quase familiar para mim. A sensação de um sofá sujo em que centenas de outros artistas já sentaram, deitaram e fizeram sabe se lá o que mais, os adesivos e grafite nas paredes manchadas, a mesa de centro repleta de copos e garrafas vazias. A ansiedade e antecipação de um show, o som abafado da plateia do outro lado daquelas paredes. Todos estes elementos ocupavam minha cabeça, minutos antes de mais um show, a turnê tinha apenas começado, a sensação de estranheza ainda pairava entre nós.

“Quero incluir um cover logo.” Eu disse sem me dar conta, no momento em que esticava o braço na direção da minha garrafa de água. Zac interrompeu o que conversava com Logan e Taylor e os três me encararam ao mesmo tempo.

“Ok, mas não hoje né?” Taylor perguntou apreensivo.

“Não, mas acho que amanhã a gente pode ver.”

“Tá, mas qual música?” Zac questionou com sua voz rouca.

“Everywhere.”

“Fleetwood Mac? Sério?”

“É, ué.”

“Mas porquê?” Taylor sorriu, disfarçando a própria curiosidade.

“Sei lá, deu vontade.” Dei de ombros, tentando pagar de desinteressada.

“H, eu te conheço, você não simplesmente resolve cantar a música de alguém assim.” Ele insistiu, sua postura ficou mais séria enquanto ele cruzava as pernas na poltrona.

“Ah, sei lá, porra, a música é boa.”

“Claro, não é essa a questão. É uma música muito boa...”

“Mas tipo, tu quer emendar ela em outra música nossa?” Zac se meteu, tomando um gole de alguma bebida que eu não sabia qual era.

“Não, acho que não. T, o que você acha?”

“Acho que não tem nenhuma com a mesma configuração, vou falar com os meninos do som depois, mas eu acho que encaixa no show, de forma geral.”

“Ooook.” Zac levantou, saiu, provavelmente para fumar, com Logan em seu encalço.

“Então, não vai me contar o motivo dessa escolha?” Taylor voltou a me inquirir.

Eu pensei por alguns momentos, havia sim um motivo, um motivo mais ou menos da minha altura, cabelo ora colorido, ora não, sempre vendo o mundo detrás de uma lente. Quando abri a boca a porta foi escancarada, Joey entrou no camarim, trazendo sua risada alta e uma garrafa, que colocou na mesa a nossa frente com determinação.

“Para a festinha pós show, temos, senhora e senhor - “Ele olhou de mim para Taylor - “TEQUILA!”

Ele bateu na mesa e gritou, ao mesmo tempo em que todo mundo resolveu retornar para a área coletiva do camarim e tudo virou gritos e conversa de novo. Taylor continuou me encarando de sua poltrona, pensativo. Definitivamente, aquele não era o momento de continuar essa conversa.

Joey se largou ao meu lado no sofá, passando seu braço pelos meus ombros, se aproximando o suficiente para sussurrar no meu ouvido.

“Interrompi alguma coisa aqui?”

“Não!” Eu me soltei de seus braços. “A gente só tava falando...”

“A H quer tocar Everywhere.” Zac se sentou na outra poltrona, de frente para Taylor, já com as baquetas em mãos, passou a batucar na mesa, nos copos e nas garrafas enquanto falava.

“É?” Joey me encarou com um olhar que eu conhecia bem. Nosso olhar de quando queremos falar sobre alguém que está na sala, ou sobre algo que apenas nós dois compartilhamos. Nosso famigerado olhar que precede uma fofoca.

“E não quer contar o motivo.” Nosso baterista continuou, como sempre, falando demais.

“Nem imagino a razão.” Joey riu, pegando qualquer copo, fingiu beber, apenas para esconder uma risada.

A porta foi escancarada de novo, nosso diretor de turnê colocou a cabeça para dentro e anunciou cinco minutos para subirmos no palco.

A ansiedade voltou, o nó no estômago e a apreensão de mais um show.

Algumas semanas antes...

Eu acordei com a melodia alta e animada de alguma música. Não consegui identificá-la no meu estado sonolento. Tentei aguçar minha audição e distingi a voz dela murmurando junto da melodia. O som vinha do andar de baixo. Definitivamente acordada agora, eu me sentei na cama e me espreguicei longamente com um estralo nas minhas costas. Enrolei meu corpo no lençol e desci as escadas descalça mesmo.

Não era uma cena incomum, de forma nenhuma, mas eu ainda não acreditava na minha própria sorte. Aproveitei o momento para memorizar cada detalhe em minha mente. Mesmo com o talento dela para tirar fotos nem a melhor câmera do mundo poderia capturar todos os meus sentimentos diante daquela visão.

Lindsey estava dançando no meio da minha cozinha, vestindo uma camiseta um pouco grande demais, uma calcinha colorida e meias que não combinavam, uma das meias era minha inclusive. Seu cabelo bagunçado preso no alto da cabeça. A voz dela se misturava ao som das panelas, um cheiro maravilhoso de panqueca no ar.

Ela me percebeu na entrada do cômodo e eu senti seu olhar me medindo de cima a baixo. Ela sorriu abertamente e cantou mais alto, cantou para mim, nada mais importava ali, apenas os olhos dela nos meus.

A música era Everywhere, do Fleetwood Mac.

---

### 3

“Tá gostoso assim?”

“Mais pra baixo um pouco.” Ela sussurrou. Obedeci. Seus olhos apertaram e ela morreu o próprio lábio.

“Mais forte.” Ela praticamente gemeu.

Tentei ajustar minha posição, sentada na lombar dela, para atender seu comando.

“Porra Linds...” Ela suspirou.

“Tá bom?”

“Tá sim. Obrigada.”

Eu interrompi a massagem em suas costas e deitei ao seu lado na enorme cama, estávamos em um hotel de alguma cidade a qual eu já não lembrava mais o nome.

“Melhor ideia foi trazer você para esses shows. “Hayley disse enquanto acariciava meu rosto levemente.

Estávamos deitadas de lado, fitando uma a outra.

“É mesmo? Está sendo vantajoso para você?”

“Uhum.” Ela se mexeu, me empurrou pelos ombros até que eu deitasse de costas, aproveitando o movimento para montar no meu colo, seus joelhos um de cada lado do meu torso. “Além das fotos incríveis dos shows, minha namorada faz massagens maravilhosas.”

Ela se inclinou sobre mim, na clara intenção de me beijar, mas eu a parei, tocando seu ombro.

“Sua o que?”

“Minha namorada?” seu rosto enrubesceu, e percebi a insegurança em seu olhar.

“Sabe, eu até que gostei de como isso soa. Namorada.” Hayley sorriu, pareceu até respirar aliviada. Quando ela se inclinou novamente eu não a parei. Recebi seu beijo com fervor.

Desde a primeira vez que nos beijamos, no sofá da casa nova dela em Nashville, tudo tem sido um longo e envolvente transe, eu estava completamente hipnotizada por Hayley Williams, até aí nenhuma novidade. A turnê estava a todo vapor, e temos utilizado qualquer pausa para nos vermos. Mais ninguém, além de Joey e Brian, sabiam sobre a gente. Foi uma decisão conjunta, não apenas por ser tudo muito recente, também pela forma que estamos lidando. Sem pressão, sem cobranças.

Nada disso pareceu me ajudar, eu sentia mais falta dela do que nunca, toda vez que nos despedíamos um buraco se abria no meu peito. Ligações de vídeo até tarde da noite, mensagens e até e-mails não se faziam suficientes para minimizar a distância. Até que, com a sequência de shows na costa oeste, surgiu a oportunidade de trabalhar com a banda novamente. Aceitei sem pensar duas vezes.

Ao mesmo tempo, a nossa dinâmica quando estamos juntas não mudou. Ela ainda era minha maior amiga. Podíamos rir por noites inteiras, assistir uma temporada inteira de qualquer série, comer qualquer besteira e equilibrar isso com o trabalho sério que fazíamos. Porém, com a vantagem de agora eu poder realizar alguns desejos antes reprimidos. Como este; de virar ela na cama, a segurar pelos pulsos e atacar aquele pescoço alvo e longo.

“Não me marca.” Ela pediu.

Talvez, pelo que foi a primeira vez desde que me lembro, não atendi a algum pedido dela.

Ela não pareceu se incomodar.

---

